

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Recebido em: 1/9/2014

Avaliado em: 14/9/2014

Aprovado em: 28/10/2014

Políticas Públicas Focadas na Oferta de Igualdade de  
Oportunidades: Importância do tema e alguns reflexos na vida  
social

Roberto Minadeo<sup>1</sup>

Resumo: Procura-se destacar a importância da igualdade de oportunidades como uma das condições que um Estado deve fornecer a seus cidadãos para se possam desenvolver-se adequadamente. Mediante uma visão breve de aspectos sociais, econômicos, educacionais e empresariais, procura-se mostrar em uma visão panorâmica o surgimento desse conceito – tido aqui como básico para que uma sociedade possa atingir seu pleno desenvolvimento.

Palavras-Chave: Cidadania; Políticas Públicas; Igualdade de Oportunidades.

Abstract: this paper is about the importance of equal opportunities. Through a brief vision of social aspects, the text shows the emergence of this concept.

Key-words: Citizenship; Public Policies; Equal opportunities.

---

<sup>1</sup>

Analista em C&T do CNPq e docente do Mestrado de Ciência Política do UNIEURO.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

## INTRODUÇÃO

O artigo traz o tema da Igualdade de Oportunidades, de modo a apontar sua importância no desenvolvimento de Políticas Públicas. A importância do tema está em mostrar que a igualdade em si não é meta a ser atingida por quaisquer Políticas Públicas, dada a natural desigualdade entre as pessoas. Assim, há, por exemplo, em nosso país um grande público para o futebol. Por conseguinte, os mais destacados esportistas ganham fortunas para jogar e também por seus patrocinadores – pois, dado que são “celebridades”, o público vê com bons olhos o endosso que eles fornecem a produtos e serviços diversos. Em outras palavras, excelentes médicos, dentistas, pesquisadores, professores, técnicos dos mais diversos níveis etc, exercem seu trabalho na sociedade, porém, estão em condições de desigualdade no tocante aos honorários dos aludidos esportistas do futebol. Além disso, as fortunas das “celebridades” podem ser ótimas à sociedade em geral; por exemplo, Ayrton Senna financiou sozinho um hospital para crianças – algo evidentemente acima das possibilidades filantrópicas das “pessoas comuns”. Essa breve digressão visou apontar que a redução das desigualdades pelo caminho “mais elementar” de se eliminarem as fortunas ou seus detentores não é plausível nem fonte de efeitos totalmente positivos ou mensuráveis. Em outras palavras, o que se espera de Políticas Públicas, conforme o texto aponta, é a oferta de oportunidades a todos, para que desenvolvam todo o seu potencial.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

#### METODOLOGIA

O artigo é qualitativo, que, para Hair Jr. *et al.* (2005) e Mattar (2005), busca a presença ou ausência de um fenômeno e utiliza dados qualitativos, com enfoque em aspectos econômicos e motivacionais. Além disso, o artigo é exploratório e descritivo.

O ponto de partida de uma investigação científica deve basear-se em um levantamento de dados. Para isso, se requer uma pesquisa bibliográfica. Em um segundo momento, o pesquisador realiza uma observação dos fatos para obter maiores informações, e, em um terceiro momento, contata pessoas que possam fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações (BONI; QUARESMA, 2005). No caso deste artigo, em primeiro lugar, em relação às ideias relacionadas a crise econômica e à reforma do Estado, houve ampla busca de artigos acadêmicos, livros, teses e dissertações. Além disso, quanto aos dados, o artigo esteve restrito aos dados secundários, em função da impossibilidade de acesso a dados primários. Dados secundários, segundo Révillion (2001) são coletados para fins diversos do problema de pesquisa específico; na maioria das vezes, são informações de obtenção mais rápida, acessível e barata do que os dados primários.

Na busca de artigos científicos, o ProQuest e o Google Acadêmico tiveram destaque. Em relação às fontes jornalísticas, possuem papel relevante no presente estudo, em função de trazerem dados atuais – não disponíveis nos estudos acadêmicos já publicados. Além disso, importantes periódicos contam com jornalistas de renome que cobrem determinados campos; percebe-se no estudo que certas fontes apresentam várias matérias assinadas pelo mesmo

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

profissional. No tocante às fontes da *web*, cabe destacar que os portais com frequência possuem a mesma agência de notícias como fonte para gerar suas matérias. Além disso, utilizou-se a *web*, em especial: jornais como: The Guardian Online: <<http://www.theguardian.co.uk>>; The Wall Street Journal Brasil Online: <<http://www.wsj.com>>; Valor Online: <<http://www.valor.com.br>>; Foreign Affairs Online: <<http://www.foreignaffairs.com>>; The New York Times Online: <<http://www.nytimes.com>>; Folha Online: <<http://www.folha.com.br>>; Portal iG: <<http://www.ig.com.br>>; Los Angeles Times Online: <<http://www.latimes.com>>; Portal Terra: <<http://www.terra.com.br>>; The Economist Online: <<http://www.economist.com>>; Washington Post Online: <<http://www.washingtonpost.com>>. Quando a data da consulta coincidiu com a data da reportagem, evitou-se colocar em todas elas a repetição dos *sites* acima apontados. Finalmente, cabe apontar que o jornal O Estado de São Paulo também foi uma importante fonte.

Ainda quanto ao método, a pesquisa também é histórica. O método histórico pressupõe que as instituições se originam no passado, sendo importante pesquisar suas raízes, visando compreender sua natureza e função. Esse método consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência no presente (LAKATOS; MARCONI, 1991). Sauerbroon e Faria (2009) alertam para a necessidade de se retornar ao uso do método histórico, visando trazer o próprio contexto das organizações ao centro dos estudos – desde a formulação do problema de pesquisa, até o desenvolvimento das conclusões. Além disso, o componente histórico foi robustecido, à medida em que diversos dados foram coletados ao longo de diversos anos, em uma pesquisa ativa nesse campo, para apresentar o quadro

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

de uma situação de modo mais rico – mesclando, portanto, artigos teóricos e periódicos, dado que estes propiciam a dados acerca da realidade que levam certo tempo a ser integrados em pesquisas de caráter acadêmico.

#### REFERENCIAL TEÓRICO

Em Atenas, com o aumento da riqueza, surge o luxo, o desregramento e a atividade política, dado o empobrecimento de grande parte das pessoas, se torna mero instrumento para a obtenção de recursos. Esses fenômenos sociais e econômicos que hoje se notam em escala mais ampla, mostram que houve semelhanças. A liberdade, entendida na atualidade, repousa sobre o respeito da pessoa humana. Chegou-se ao ponto de se sacrificar totalmente a liberdade do Estado no século XIX, a ponto de arriscar a liberdade individual. A crise da política moderna deriva parcialmente desse desequilíbrio entre os poderes exacerbados do indivíduo e a fraqueza estatal (REALE, 1983).

Uma demanda é uma insatisfação, fonte de inovações econômicas; é natural ao ser humano querer sempre mais. Assim, o consumo pode aumentar se a economia crescer, como fruto de maior produtividade. Esta é fruto da assunção de riscos e da poupança. O capital não é um fim em si, mas para uso na obtenção do que se deseja, na forma de: a) condições para se trabalhar com maior eficácia; b) melhor consumo futuro; e c) melhor condição de vida (SCHIFF & SCHIFF, 2012, p. 7, 9 e 21).

Para ilustrar os ganhos de produtividade, Schiff e Schiff (2012, p. 60-61) apontam que no início do século XX, Henry Ford era quem melhor pagava seu pessoal, ao mesmo tempo em que os preços reais de seus carros foram

## Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

reduzidos. Aduzem outras ideias na mesma linha: a indústria de PC's reduz os preços, enquanto o seu mercado se expande e os modelos trazem melhorias tecnológicas. Essa deflação é benéfica à economia. A primeira TV de plasma era vendida a US\$ 10 mil, acessível a poucos, mas, os preços foram caindo e o mercado total cresceu. A Wal-Mart também trabalhou por reduzir preços. A tabela abaixo corrobora as afirmações dos autores sobre o aumento da eficiência na Ford com seu emblemático Modelo T.

Ano	Preço Modelo T	Vendas Modelo T (milhares)	Vendas do Setor (milhares)
1909	US\$ 950	12	124
1911	US\$ 690	40	199
1913	US\$ 550	182	462
1915	US\$ 440	342	896
1917	US\$ 450	741	1.746
1919	US\$ 525	664	1.658
1921	US\$ 355	845	1.518
1923	US\$ 295	1.669	3.625
1925	US\$ 290	1.495	3.735

Tabela 1: Vendas do Modelo T e da concorrência e Preços do Modelo T – 1909-1925. Fonte: ADAMS, 1973, p. 173.

## Algumas situações interessantes no tocante às disparidades sociais

1. 25 dos 100 mais pagos Presidentes de empresas dos EUA receberam mais do que suas empregadoras pagaram em impostos federais. Esses baixos impostos não se devem a baixos lucros: todas essas empresas

## Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

tiveram mais de US\$ 1 bilhão em lucros antes dos impostos. Na média cada uma dessas 25 empresas pagou mais que US\$ 20,6 milhões a seu Presidente e menos que esse valor em impostos federais. O pagamento de um Presidente de empresa nos EUA é 380 vezes o de um operário filiado ao sindicato AFL-CIO. Além disso, duas empresas desse grupo de 25 – Citigroup e American International Group – haviam recebido bilhões de dólares dos contribuintes. Isso clama por uma reforma tributária, em especial tendo-se em conta o encerramento de vários programas sociais. O quadro piora ao contribuinte, pois 19 dessas 25 empresas possui nada menos que 500 subsidiárias em paraísos fiscais como na Ilhas Cayman ou na Ilha de Man (LAZARUS, 2012).

2. Amazon, Facebook, Google UK e Starbucks pagaram apenas £ 30 milhões em impostos de 2008 a 2011 no Reino Unido, apesar de terem gerado mais de £ 3,1 bilhões em vendas. O Google se defendeu dizendo que contribui à economia local gerando mais de mil empregos. Em função da pressão social, em dezembro/2012, a Starbucks UK propôs-se a pagar impostos “bem maiores”, de até £ 20 milhões, em 2013 e 2014, independentemente de seus lucros. Em 14 anos de operação no Reino Unido, a Starbucks pagou apenas £ 8,6 milhões em impostos corporativos, apesar de receitas de £ 400 milhões em 2011 em 760 lojas. A empresa também afirmou contribuir com £ 300 milhões anualmente à economia regional. O Facebook divulgou ter pago apenas £ 2,9 milhões em impostos em 2011, sobre lucros de mais de £ 800 milhões. A empresa vende no Reino Unido sua publicidade para qualquer lugar fora dos EUA, sendo sediada na Irlanda, e as receitas vão a este último país (GOODLEY & BOWERS & ROGERS, 2012; NEATE, 2012; STARBUCKS..., 2012).

## Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

3. A divisão britânica da Blockbuster, com 528 lojas de locação de DVD's, pagou menos de £ 248.000 em impostos corporativos em quinze anos, nos quais somou receitas superiores a £ 3,5 bilhões no país e declarou lucros de £ 37 milhões (BOWERS, 2013).
4. No tocante ao salário mínimo, a Suíça apresenta duas situações que se destacam, por contar com o apoio da população: em novembro/2013, uma eleição propondo limitar os ganhos dos executivos teve 65,3% votos contrários e 34,7% favoráveis. A regra afetaria os honorários executivos – algo significativo, pois diversas grandes empresas de porte global são nele sediadas, e chega-se a pagar mais de 200 vezes a eles que aos colaboradores médios das empresas. Em março/2013, os eleitores suíços já haviam sido contra propostas de limitar bônus e outros pagamentos a executivos (SWISS..., 2013). Em maio/2014, 76,3% dos suíços rejeitaram um pleito sindical de salário mínimo horário de 22 francos suíços (US\$ 24,65), especialmente importante aos setores de menores salários, como o varejo e os de serviços pessoais. O país não tem salário mínimo e os eleitores rejeitaram a proposta, por enxergarem como invasão da liberdade empresarial, além de uma ausência de problema. A proposta sindical era bem maior que a média europeia e mais do dobro dos US\$ 10,10 que o governo Obama obteve para os EUA (EDDY, 2014).
5. O Presidente da CVS Caremark, Larry Merlo, em 2013 recebeu US\$ 12,1 milhões, ou 422 vezes o salário médio de um colaborador da CVS, de US\$ 28.700. As vendas da CVS cresceram 3% no ano passado, chegando a US\$ 127 bilhões, os lucros subiram 19%, somando US\$ 4,6 bilhões e o valor das ações cresceu 48%. Mas, esses resultados não podem ser apenas atribuídos ao Presidente. A Walgreens, maior rede de

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

drogarias dos EUA teve crescimento de 15% nos lucros e de 34% no valor de suas ações – porém, seu presidente Greg Wasson ganhou pouco mais de US\$ 4 milhões em 2013 – o equivalente a 134 vezes o salário médio de seu pessoal, de US\$ 30,3 mil (LAZARUS, 2014).

6. Em um estudo recente publicado no Journal of Management, Katalin Takacs-Haynes, da University of Delaware e outros dois pesquisadores, estudaram a relação entre o retorno aos acionistas e certos aspectos do pagamento ao Presidente da empresa, que foram vistos como potenciais sinais de ganância dos executivos. O estudo estatístico de 335 empresas mostrou que quanto os Presidentes foram mais bem sucedidos em tres medidas individuais, pior foi o retorno aos acionistas.
  - O primeiro fator foi o pacote de remuneração, incluindo diversos seguros e títulos de clube.
  - Outro fator foi a diferença entre a remuneração do Presidente e do Número 2 da empresa.
  - O último fator incluiu o tamanho da empresa, o risco do negócio e o grau de diversificação internacional.

Descobertas: empresas tiveram retorno ao acionista diminuído, mesmo pagando valores exorbitantes ao Presidente: a) quando o Conselho era composto de mais diretores externos com relevantes participações acionárias; b) quando os Presidentes estavam no cargo por muito tempo; c) quando o setor ao qual a empresa pertence era conhecido por conceder menor poder discricionário aos Presidentes na tomada de decisões. Por outro lado, um Conselho menos poderoso que os Presidentes não pode fazer muito por impedi-lo na consecução de seus desejos (MCGREGOR, 2014).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Algumas situações de Políticas Econômicas

Stiglitz (2000) conta como, sendo economista-chefe do Banco Mundial de 1996 a 1999 viu horrorizado o padrão ortodoxo de ações do FMI junto ao Depto. de Tesouro dos EUA, no que foi a mais grave crise desde a Recessão dos anos 30. Para ele, essa crise se iniciou na Tailândia, em julho/1997, e o FMI impôs as mesmas regras de austeridade usadas nos anos 80 na América Latina. Isso foi um erro, porque havia superávit orçamentário na Ásia e baixa inflação; os problemas eram setores privados imprudentes e tomadores de empréstimos especulativos. Ora, se mesmo nos EUA, o Governo Clinton não equilibrava o orçamento, como exigir isso dos demais? Por exemplo, na Indonésia, metade das empresas tecnicamente faliu. A produção em alguns países caiu 16% ou mais; o desemprego chegou a decuplicar. Em 1998, a crise atingiu a Rússia – onde tais medidas “ortodoxas” levaram a uma pilhagem do país por um grupo de oligarcas mediante um processo mal conduzido de “privatizações”; ao invés de se facilitar o fluxo de capitais para o país e da Rússia para o Ocidente. Outros críticos às posições do FMI nesse tema: Martin Feldstein, presidente do conselho de assessores econômicos de Reagan; George Shultz, secretário de Estado de Reagan; e os economistas Paul Krugman e Jeff Sachs.

Na Inglaterra o sistema de proteção social se preservou, inclusive resistindo ao período de Thatcher, mas o New Deal dos EUA rapidamente se desfez, não tendo criado uma política de proteção social consistente – tornando o país um dos mais desiguais, detentor de um mercado de trabalho precarizado, com fraco acesso ao sistema de saúde e com gastos sociais baixos (LAVINAS, 2009, p. 188-189).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Papel do Governo em assegurar igualdade de oportunidades

Segundo David Reynolds, da universidade de Cambridge, as contradições dos EUA já se iniciam na declaração de independência, de 4/7/1776, que afirma: “todos os homens foram criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais a vida, a liberdade e a busca da felicidade”. Mas Thomas Jefferson, terceiro presidente dos EUA e redator do texto, possuía dúzias de escravos. Após a guerra de independência no século 18, os EUA se expandiram ao oeste com distribuição de terras aos pioneiros. A expansão territorial teria garantido igualdade de oportunidades. Nessas corridas, o Exército dava a largada com um tiro de canhão e os mais velozes substituíam a bandeira de cada lote pela sua própria. O avanço não foi pacífico: houve guerra, compra e anexação de terras dos índios. Além disso, o México perdeu: Texas, Arizona, Novo México e Califórnia em luta contra os EUA (AS CONTRADIÇÕES..., 2014).

A expressão “igualdade de oportunidades” em inglês é usada como sinônimo de ação afirmativa. Exemplo: a principal agência para políticas de ação afirmativa étnico-raciais dos EUA chama-se Equal Employment Opportunity Commission (EEOC, criada em julho/1965) (FERES JÚNIOR; CAMPOS, 2013).

John Rawls em “Uma teoria da Justiça” (1971), abordou temas surgidos nas décadas anteriores: políticas redistributivas, objeção de consciência, e legitimidade do poder estatal. Amadeo considera a obra o tratado de filosofia política mais importante do século XX, ao tentar explicar filosoficamente o *Welfare State* do pós-guerra. Ao adotar a justiça como a primeira virtude nas

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

instituições sociais, Rawls aborda a desigualdade. Esse texto de Rawls está circunscrito a seu tempo, quando o *Welfare State* era visto como solução da pobreza. Mas, nas décadas seguintes, o quadro se alterou, a recessão dos anos 1970, a crise do petróleo e os déficits governamentais levam a pensar que as políticas de bem-estar eram insustentáveis (AMADEO, 2011). A justiça de Rawls pressupõe: a) consolidação do Estado de Direito; b) leis restringindo para conter o poder de grandes grupos, garantindo os direitos políticos; c) expansão das oportunidades educacionais estatais; d) restrições a heranças e doações; e e) garantia de um mínimo social (KERSTENETZKY, 2011). Rawls avança em sua análise, e lista cinco grupos de bens primários: a) direitos e liberdades básicas; b) liberdade de movimento e de escolha de trabalho; c) posições de autoridade e responsabilidade; d) renda e riqueza; e e) bases sociais do autorrespeito (FERES JÚNIOR; CAMPOS, 2013).

No tema das heranças, Thomas Piketty, em seu livro "Capital in the Twenty-First Century" afirma que a riqueza herdada crescerá em valor, dado o baixo crescimento econômico. Conclui que as pessoas dependerão menos de seu desempenho ou mérito do que de suas heranças. O livro gerou enorme controvérsia, pode não ser visto como uma previsão, dadas as contínuas falhas dos economistas nesse campo, mas como um questionamento: qual o problema com as heranças? Ao deixar algo aos filhos, os pais se baseiam nos princípios: a) altruísmo, que é parte do cuidado devido dos pais àqueles que eles trouxeram ao mundo, e aos quais desejam uma vida feliz; b) há um valor marginal decrescente no consumo, por exemplo, do terceiro sanduíche em relação ao segundo e do quarto em relação ao terceiro; c) as pessoas tendem a criar um ritmo regular de consumo, por exemplo, é melhor gastar US\$ 50 mil em um ano e igual valor no ano seguinte, do que US\$ 80 mil no primeiro ano e

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

US\$ 20 mil no seguinte; d) as pessoas poupam nos bons tempos, preparando-se aos tempos ruins; e e) os pais não baseiam suas decisões de consumo apenas em si mesmas, porém, também pensam em seus sucessores – procurando que recebam parte do que vieram a amealhar. Desde um ponto de vista de políticas públicas, cabe considerar não apenas os efeitos diretos sobre as famílias, mas também os efeitos indiretos das heranças na economia como um todo – pois a desigualdade não se deve aos poucos que eventualmente herdam milhões, nem piora devido a esse fato. Pelo contrário, a poupança para as gerações futuras representa investimentos para diversos empreendimentos, com efeitos no emprego e na renda, pois tais inversões apresentam características de longo prazo. Dado que o capital tende a menores retornos, um aumento no investimento representa busca de aumento da produtividade do trabalho e de melhores salários. Assim, a poupança no lugar do consumo leva à uma redistribuição de renda, ainda que não buscada (MANKIW, 2014).

Podem ocorrer “inovações contábeis”, como na Enron, ou a ruptura dos fins de firmas de auditoria e análise de investimentos, como se deu com Arthur Andersen e Merrill Lynch. Nessa situação de forte desnível social e de crédito determinado pela riqueza, o acesso a oportunidades de crescimento é minado; além disso, decai a motivação ao esforço dos mais pobres. Hayek corrobora, preocupando-se com a desigualdade de riqueza afetar as oportunidades de indivíduos e grupos (KERSTENETZKY, 2011).

Os governos têm um papel singular para assegurar que todos os jovens – pobres ou ricos – tenham oportunidades. Uma criança pobre dificilmente sairá da pobreza familiar sem programas governamentais eficientes, ensino de alta qualidade, assistência médica e nutrição satisfatória. A “social-democracia” da

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Escandinávia foi pioneira, mas também foi adotada em países em desenvolvimento, como a Costa Rica. Frisam que todos merecem uma oportunidade, mas que a sociedade precisa ajudar. As famílias precisam de ajuda para criar crianças saudáveis, bem nutridas e escolarizadas. Os investimentos sociais são altos, financiados por impostos elevados, pagos pelas classes mais ricas. Assim se interrompe a transmissão de pobreza. Os pais de uma criança pobre na Suécia têm garantia de licença maternidade ou paternidade para criar o filho. O governo oferece creches, possibilitando à mãe voltar a trabalhar. O governo assegura vaga em pré-escolas a todos, para que entrem na escola desde os seis anos. E há assistência médica universal, para que se cresça com saúde. Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os EUA têm um índice de pobreza de 17,3%, enquanto o sueco é de 8,4%. Os EUA tratam seus pobres de forma punitiva, em vez de apoiá-los (SACHS, 2012). Harrison e Sepúlveda (2011) corroboram, ao sugerir, como aprendizados da crise de 2007-2008, políticas de distribuição de renda aos países menos desenvolvidos, investimentos em saúde e educação, com vistas a garantir justamente maior igualdade de oportunidades.

Lores (2014) traz um contraponto positivo no combate dos EUA à pobreza: a partir de 2010, o país aportou US\$ 2 bilhões/ano para alugueis e programas de habitação social, beneficiando 300 mil ao início de 2014, mais os que recebiam apoios semelhantes de 230 ONG's diversas. Uma nota desastrosa: dessas pessoas, nada menos que 58 mil eram veteranos de guerra. Mas, ainda havia 215 mil moradores em casas abandonadas ou sob pontes, muitos com doenças mentais ou viciados. A visão subjacente ao programa: os albergues aos sem-teto representam uma situação provisória que precisa ser rompida. De 2007 a

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

2013 o número dos sem-teto nos EUA caiu 23%. Um sem-teto pode custar US\$ 40 mil/ano ao Governo, devido aos tratamentos que recebe: por exemplo, uma noite em uma emergência hospitalar custa ao menos US\$ 1,5 mil e um dia na cadeia custa US\$ 100.

Ainda no tocante aos EUA, foram registrados pela Agência do Censo do país um recorde de 46,5 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza (renda anual de US\$ 23.492) em 2012, superior aos 46,2 milhões do ano anterior (POBREZA NOS..., 2013). Sinais dessa crise:

- Na GE Appliances, a marca de maior crescimento é a linha Café, com refrigeradores de US\$ 1.700 a US\$ 3.000.
- Enquanto isso, lojas focadas na classe média, apresentavam problemas: a J. C. Penney começou 2014 anunciando o fechamento de 33 lojas com 2.000 demissões, e a Sears anunciou o fechamento de sua famosa loja de Chicago. Naturalmente, de 2009 ao início de 2014, a Sears e a J. C. Penney perderam 50% do valor de suas ações. A Loehmann's, com 40 lojas nos EUA vendendo artigos de vestuário à classe média durante décadas, foi à falência após três concordatas desde 1999.
- As redes focadas nas classes mais abastadas como a Nordstrom e outras de preços baixos, como Dollar Tree e Family Dollar Stores tiveram crescimento de seu valor de mercado em mais de 50% de 2009 ao início de 2014.
- Restaurantes como Red Lobster e Olive Garden – controladas pela Darden Restaurants – tiveram quedas nas receitas em todos os semestres menos um, desde 2005, mesmo cobrando US\$ 16,50/refeição e tentando inovar nos cardápios. Porém, eram focadas na classe média, com problemas com o maior custo de vida, o risco do desemprego e a

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

renda estável ou caindo. Porém, a Capital Grille, com pratos médios de US\$ 71, cresceu anualmente 5% desde 2011. Aliás, em 2014 a Red Lobster foi vendida visando aumentar seu retorno financeiro (REDE DE..., 2014; SCHWARTZ, 2014).

O salário mínimo de US\$ 0,25/hora surgiu como parte da Fair Labor Standards Act, de 1938, com o surgimento do New Deal, ao mesmo tempo, fixando a jornada semanal máxima em 44 horas e proibindo o trabalho infantil. O salário mínimo fixado pelo governo dos EUA está em US\$ 7,25 desde 2009 e vale a empregadores com receitas com mais de US\$ 500 mil ou envolvidas no comércio interestadual, além de se estender a todos os níveis do funcionalismo público. A luta contra o aumento nos salários mínimos em 2013 era liderada pelo setor de *fast food*. Um dos críticos ao aumento do salário mínimo cita o caso de Samoa, quando realizou um aumento, e seu principal negócio, com duas empresas de enlatamento de atum, quebrou. Ora, outros fatores ocorreram: esse aumento coincidiu com uma crise e com menores tarifas dos EUA a outros países produtores de atum. É inegável que o aumento do salário mínimo reduz a pobreza e diminui a desigualdade. Ainda há críticos a esse aumento, mesmo em um período de tres décadas em que os Presidentes de empresas tiveram aumentos médios de 725% (HILTZIK, 2013). O melhor sucesso em políticas públicas contra a desigualdade nos EUA foi a introdução da "ação afirmativa" – desde os anos 1960 (KENWORTHY, 2012).

Segundo uma pesquisa feita pelo Washington Post e a ABC News em 2013, 57% dos legisladores gostariam de políticas focadas em equilibrar o sistema econômico. Cerca de dois terços disseram que as políticas federais ajudam mais aos ricos. Aumentar o salário mínimo, fixo em US\$ 7,25/hora desde 2009, foi

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

visto como das melhores ferramentas para enfrentar esse desequilíbrio (FLETCHER & CRAIGHILL, 2013). Além disso, muitos programas lançados para melhorar a distribuição de renda tiveram efeito contrário. Assim, os subsídios agrícolas não ajudaram os pequenos agricultores, mas apenas ao agribusiness. As hipotecas, base da crise “com os títulos *subprime*”, não propiciaram acesso à casa própria dos menos favorecidos (FRANKEL, 2014).

O aumento do salário mínimo no governo Lula foi de 51% – o que favorece os salários da base social (26 milhões de trabalhadores) e os aposentados que apresentam reajuste por esse fator (18 milhões de pessoas). O Programa Bolsa Família chegou a quase 50 milhões de pessoas, havendo outros programas: Pronaf (focado na agricultura familiar), Territórios da Cidadania (dedicando recursos às cidades mais carentes), Luz para Todos, ProUni (DOWBOR, 2009, p. 133).

Em 1960, os 20% mais ricos da população mundial detinham uma renda 30 vezes maior que a dos 20% mais pobres, segundo a ONU. Por outro lado, nos anos 1990, os EUA se converteram no maior devedor mundial e também na sociedade avançada com a pior distribuição de renda do mundo. Em 1992, o Pres. Clinton disse em sua Mensagem ao Congresso que no ano anterior, pela primeira vez desde 1920, 1% dos norte-americanos mais ricos detinham mais riquezas do que as detidas por 90% da população. Em 1983, os 5% mais ricos dos EUA detinham 56% de toda a riqueza do país, índice que subiu a 62% em 1989. Até 1996, a desigualdade na distribuição de renda chegara a níveis jamais vistos desde a década de 1920, antes da introdução do imposto progressivo sobre a renda e o patrimônio (BORON, 2001: 45, 189-190).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Debates recentes nos EUA e outros países apresentam dois pontos em comum: a crescente desigualdade social e a maior intervenção do Estado na Economia. A desigualdade é mais profunda e de mais difícil resolução do que normalmente se apresenta: é um fruto inevitável da atividade capitalista – porque algumas pessoas são mais hábeis na exploração de oportunidades de desenvolvimento que surgem. Além disso, se esse problema sair de controle, eventuais revoltas sociais podem corroer as próprias bases do capitalismo. O capitalismo trouxe avanço jamais visto na história, em padrões de progresso e de vida sem precedentes – porém, gerando insegurança ao longo do processo; o surgimento do *welfare state* em meados do século XX teria sido uma resposta a essa insegurança, coexistindo com o capitalismo (MULLER, 2013).

Durante meados do século XIX e até os anos 1970, a diferença de oportunidades nos EUA diminuiu: imensos contingentes migraram às cidades, iniciou-se um forte processo de industrialização, a educação elementar se universalizou enquanto e a educação secundária começou a se universalizar. Assim, ocorreu uma ascensão social. Políticas sociais que podem ser citadas: o Gov. Kennedy alterou o Programa Aid to Dependent Children (ADC), o principal na área social à época, renomeado Aid to Families with Dependent Children (AFDC), ampliou o valor mínimo das pensões e permitiu aposentadorias aos 62 anos de idade. Mas, desde os anos 1970, iniciou-se um movimento na direção contrária, em função de mudanças econômicas e sociais. Algo que pode auxiliar a compreender o fenômeno foi a das famílias. A proporção das famílias mais pobres vivendo com seus pais biológicos caiu fortemente, havendo pouca alteração dentre os mais ricos em relação a esse tema. Concretamente, em 2010, cerca de 88% dos mais ricos são criados por seus pais – índice superior ao de 96% de 40 anos atrás. Enquanto isso, apenas 41% dos mais pobres são

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

criados por seus pais, o que é um índice bem menor que os 77% de 4 décadas atrás. Isso prejudica as chances de ascensão dos mais pobres – dado que os que são criados por seus pais possuem maior probabilidade, independentemente da renda, de obter bons resultados escolares, manter-se fora da criminalidade, criar duradouras relações e obterem melhores rendimentos em suas vidas adultas (KENWORTHY, 2012; MATTEWS, 2013). Muller (2013) corrobora, ao afirmar que o papel da família é vital para se forjar as habilidades pessoais e ser o *locus* de socialização, educação e civilização das crianças. Além disso, apesar das diversas crises que minaram os salários, o somatório da renda familiar, com as remunerações dos casais e dos jovens mais eventuais auxílios dos pais, fizeram possível novos padrões de consumo. Porém, o fato de que os filhos dos mais pobres trabalhem cedo e deixar de estudar, leva a comprometer maiores vãos culturais em seu futuro. Nos EUA, um evento de grande importância foi a estratificação social trazida pelo divórcio ao longo das diversas classes sociais. Se nos anos 1960, as taxas do divórcio atingiam todas as classes, a partir dos anos 1980, as classes mais educadas passaram a apresentar menores taxas de divórcio e maiores índices de casamento. Ao mesmo tempo, nas classes menos educadas, o divórcio tem se mantido. Inúmeros estudos mostram o papel da família como incubadora do capital humano e que as crianças que receberam os cuidados dos pais apresentam melhor disciplina e confiança – portanto, essas diferenças nos índices de divórcios nas diversas classes sociais provocam maior desigualdade.

Sobre a intervenção estatal na Economia no Governo Roosevelt, pode-se citar: a) maior ação de leis e agências; b) a criação da Tennessee Valley Authority – que foi uma estatal atuante no desenvolvimento dessa região mediante o aproveitamento de hidrelétricas e de duas fábricas de adubos criadas pelo

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Governo na I Guerra; c) um maior poder dos sindicatos; d) uma atuação direta do Estado para mitigar problemas sociais mediante diversos programas; e e) aumentos de impostos das classes mais abastadas (PERKINS, 1967).

Aponta Mattews (2014) que, após as iniciativas de Kennedy, em 08/01/1963, Lyndon Johnson declarou “guerra incondicional” à pobreza, afirmando ter o foco em não apenas minimizar os sintomas da pobreza, mas em curá-la e preveni-la. Houve quatro leis nessa temática:

- Social Security Amendments (1965), que criou o Medicare e o Medicaid, além de ampliar os benefícios aos aposentados, viúvas, portadores de necessidades especiais e ao public na idade de estudo.

- Food Stamp Act (1964), que fez permanente o programa, então apenas um projeto. Em 2012, esse Programa foi renomeado Supplemental Nutrition Assistance Program, ou SNAP) atendendo a 4 milhões de pessoas, sendo a parte mais eficaz dessa “guerra”.

- Economic Opportunity Act (1964), que criou: Job Corps, Programa VISTA, Office of Economic Opportunity (OEO, instrument da Casa Branca focado no combate à pobreza) e outras iniciativas.

- Elementary and Secondary Education Act (1965), que criou um Programa de subsídios a escolas distritais, com alta proporção de estudantes pobres.

Os Programas Medicaid, Medicare, SNAP, Head Start, Job Corps, VISTA e Title I – ainda existiam em 2014. A gestão Nixon desfez a OEO. É um tema delicado saber da efetividade desses programas, porém, é consenso que sem eles a pobreza teria crescido. Por exemplo, o Medicare reduziu as despesas médicas dos mais idosos, aumentando sua renda real. O Programa Title I alocou de modo mais justo os fundos à educação.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Nos EUA, um Programa de auxílio-desemprego investiu US\$ 225 bilhões, com um pico de 6,7 milhões de beneficiários em 2010 e cerca de 4 milhões ao longo de 2013. Porém, o Governo decidira encerrar esse Programa em 2013. O Benefício se aplicava a pessoas com seis meses ou mais em desemprego (MUI, 2013). O Benefício tivera 11 extensões aprovadas pelo Congresso, desde junho/2008. O auxílio variava de Estado a Estado. Na Califórnia, houve um pico de até 99 semanas de auxílio, combinando recursos estaduais e federais. Para ser elegível, era preciso provar regularmente que se estava procurando por emprego; nesse Estado, havia 222 mil beneficiários ao final de 2013; enquanto que o total de cidadãos desse Estado usufruindo algum programa de auxílio-desemprego era de cerca de 722 mil pessoas – abaixo do pico de 1,5 milhão de pessoas no pior momento da Crise de 2007. Cerca de 28% dos desempregados do Estado estiveram sem trabalhar por um ano ou mais (LIFSHER, 2013).

Dentre importantes democracias, a igualdade de oportunidades nos EUA é pior que a encontrada em: Austrália, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Alemanha, Noruega, Suécia e Inglaterra; estando ao mesmo nível que a vivida na França e na Itália. Por um lado, precisa-se de reforçar os laços familiares e melhorar a educação; e, por outro, reduzir as diferenças salariais. Os países nórdicos, nos anos 1960 e 1970 introduziram pagamento maternidade e atendimento público às crianças. Os professores da educação básica passaram a receber o mesmo que os das escolas elementares. Nesses países, as habilidades cognitivas e a probabilidade de chegar ao final do ensino médio dependem menos da riqueza familiar que nos EUA. Houve progresso em alguns Estados norte-americanos quanto às creches públicas, embora, nas férias de verão, as habilidades cognitivas dos mais pobres regridem, parecendo, em alguns casos, que sequer frequentaram estudos formais (KENWORTHY, 2012). Em 2013, a França criou

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

um Programa pelo qual paga até 75% dos salários de funcionários jovens, durante até três anos. Tal Programa é parte de um conjunto maior, de custos de cerca de US\$ 4,7 bilhões, para gerar 150 mil empregos em dois anos (MEICHTRY, 2013).

Há um preconceito entre os empregadores a respeito dos que estão sem emprego há mais de seis meses – e que, curiosamente, não entram nas estatísticas de desemprego, os chamados “desencorajados”. Tal grupo é sistematicamente tido por problemático, ou já tendo perdido parte de suas habilidades (o que pode ser verdade em pequenos grupos de profissões, como cirurgiões ou programadores de *software*), porém, há estudos que mostram que em muitas profissões uma parada “sabática” aumenta o desempenho. Há um preconceito: “se eles são de fato bons, porque ninguém ainda os contratou?” Constata-se há maior facilidade de recolocação a pessoas que perderam os empregos por fechamentos de fábricas, ou seja, eventos não ligados a qualquer inaptidão. Também há uma curiosa disputa entre empresas por profissionais que estão já empregados, o que inflaciona os salários, mas, mal se chega a considerar a hipótese de contratar pessoas paradas por mais de seis meses. Até mesmo recém formados estão com melhores chances de obter vagas do que o grupo dos “desencorajados”. Manter esse grupo fora do mercado de trabalho implica em elevados custos sociais (CAPPELLI, 2014), além da criação e manutenção de disparidades.

Nos EUA, o grupo dos 1% mais ricos controla 42% da riqueza financeira do país. Apenas outro país rico possui maior participação da riqueza nas mãos desse diminuto grupo: a Suíça. Segundo estudos do Instituto Alemão para Estudos do Trabalho, 42% dos norteamericanos nascidos e criados no grupo

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

dos 20% mais pobres permanecem nesse grupo quando adultos, enquanto que esse percentual é de 30% na Grã-Bretanha e de 28% na Finlândia: assim, a mobilidade social dos EUA se deteriorou e está abaixo daquela de outros países desenvolvidos. Outro índice dessa desigualdade de oportunidades: segundo o Council on Foreign Relations, 75% dos norte-americanos dos 17 aos 24 anos não estão habilitados a ingressar nas Forças Armadas, por inadequação física, ficha criminal ou inadequado nível educacional. A queda do nível educacional do ensino médio do país também se mostra por outro dado: 16% das admissões em Harvard são de estudantes asiáticos, desde os anos 1990. Em Columbia, os asiáticos caíram de 23% dos alunos para 16% em 2011. Além disso, os asiáticos representam 39% dos ingressos no CalTech, no qual as admissões são apenas com base no mérito (FERGUSON, 2013).

Alguém nascido pobre nos EUA possui maior chance de subir na escala social se viver em uma região metropolitana na qual a classe média seja numerosa, segundo estudo de Harvard. Encontrou-se forte correlação entre o tamanho da classe média e a mobilidade social. Assim, promover o crescimento da classe média enriqueceria o país como um todo. Mas, nas 50 maiores áreas metropolitanas essa relação não atua, em função da segregação entre pobres e ricos. Apenas duas variáveis com maior associação foram encontradas, e ambas ligadas à queda da mobilidade: proporção de mães solteiras e índices de divórcio. A mobilidade também é maior em áreas com maior proporção de lares com pai e mãe, mais escolas elementares e de ensino médio, e maior ações cívicas – como grupos religiosos e comunitários (TANKERSLEY, 2013).

Segundo as Nações Unidas, o custo para se eliminar a pobreza extrema de um bilhão de pessoas, que vivem com menos de US\$ 1/dia, seria de US\$ 300

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

bilhões. Porém, tal investimento teria grande valor multiplicador na economia, pois os recursos que chegam a esse público rapidamente se transformam em demanda (DOWBOR, 2009, p. 142).

Há dados positivos sobre o combate à miséria, parcialmente advindos do processo de globalização, da integração entre países, e de processos de reestruturação internas – que incluíram medidas como disciplina fiscal, privatizações e da reorganização do setor financeiro. Entre tais dados se destacam: a) o percentual de pessoas no mundo vivendo com menos de US\$ 2/dia caiu de 44 para 18% de 1980 a 2004; e b) em igual período, o número dos que vivem com menos de US\$ 1/dia caiu de 20% para 5%. Assim, apesar do crescimento populacional, o número de pessoas vivendo na pobreza ou na extrema pobreza caíram de 300 a 500 milhões. Aduz que ao mesmo tempo diminuíram: a mortalidade infantil, o número dos subnutridos e o grau do analfabetismo; enquanto que a expectativa de vida cresceu (O'NEILL, 2004).

Porém, nesse tema, há um triste contraponto: apesar do crescimento indiano, 400 milhões de seus cidadãos não possuem eletricidade. A higiene pública e o saneamento são deficientes, em especial no norte: metade do povo defeca ao ar livre, o que causa inúmeras doenças. Cerca de 43% das crianças do país passam fome – índice superior ao dobro do observado na África. Além disso, a Índia investe apenas US\$ 39/capita ao ano em saúde, enquanto a China investe US\$ 203 e o Brasil US\$ 483; o governo gasta mais com subsídios de fertilizantes aos fazendeiros do que com saúde pública. Uma pesquisa em escolas públicas em sete grandes estados do norte mostrou que em metade delas não havia qualquer atividade acadêmica (BEYOND..., 2013).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Outro tema ligado ao desenvolvimento dos cidadãos: cerca de dois milhões de crianças do mundo vivem em instituições diversas – às vezes abandonadas pelas próprias famílias. Na China, por exemplo, há cerca de 800 dessas organizações, cuidando de crianças abandonadas ou com necessidades especiais. Instituições na África cuidam de crianças órfãs ou portadoras de AIDS. Na Romênia, o número de crianças em creches desse tipo caiu de 32 mil em 2004 a 9 mil em 2012. A Geórgia somava 41 instituições em 2003, número que passou a apenas três. Esse quadro tem mudado por três motivos: a) grandes instituições são ineficientes; b) em muitos casos, as crianças mantidas nessas organizações possuem famílias – que seriam melhor alternativa para tratá-las; e c) essas instituições são caras. Enfim, apesar dessas organizações terem papel indiscutível, a formação por elas proporcionada é menos eficiente que aquela fornecida pelas famílias (THE NANNY..., 2013).

Níveis acentuados de desigualdade na distribuição da renda, tais como os do Brasil e da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, significam alta concentração da riqueza nos estratos mais ricos, e carência entre os mais pobres. Um agravante: os efeitos da desigualdade se sentem não apenas durante sua vigência, mas se também projetam para o futuro. Más condições de vida em certo momento da vida, especialmente na fase de formação do indivíduo, repercutem mais adiante. Na medida em que, por exemplo, há limites nas oportunidades de desenvolvimento pessoal e educacional do indivíduo, suas possibilidades de acesso a melhores ocupações laborais se reduzem – comprometendo sua mobilidade a melhores níveis de vida (RIBEIRO, 1991).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Papel da Educação para propiciar Igualdade de Oportunidades

Nos EUA, a idéia de que o poder da educação proporciona chances de sucesso a qualquer criança é forte. O país evitou o modelo europeu, que trouxe educação de elevado padrão apenas à elite. No início do século XX, os estudantes dos EUA detinham melhor educação do que qualquer país europeu. Mas, a situação mudou; por exemplo, em um teste aplicado em 2012 pela OCDE junto a alunos de 15 anos de idade, os norte-americanos ficaram na 26ª posição, dentre 34 países em matemática, 17ª em leitura e 21ª em ciências. Além disso, mostrou-se crescente distância entre ricos e pobres. A OCDE apontou que a heterogeneidade dos EUA se reflete mais diretamente no desempenho escolar do que em muitos outros países. O financiamento escolar mediante fundos locais cria abismos entre comunidades pobres e ricas. Cerca de metade dos professores deixa o ensino em até cinco anos. O problema não é de recursos: apenas Luxemburgo gasta mais por criança do que os EUA, porém, há má alocação (PORTER, 2014). Essa desigualdade se reflete na diferença salarial entre graduados e não graduados, que atingiu um recorde em 2013: norte-americanos com graduação de quatro anos completa receberam 98% a mais em média em 2013 do que os não graduados. Tal índice fora de 89% em 2008, de 85% em 2003 e de 64% no início dos anos 1980. Outra vantagem dos graduados: em abril/2014, o índice de desemprego que enfrentavam, na faixa dos 25 aos 34 anos de idade, era de apenas 3%. Nota-se que muitas pessoas voltaram aos bancos escolares durante a crise de 2007. Assim, mesmo com o crescimento da oferta de pessoas qualificadas, a procura por elas não diminuiu, o que explica o aumento da diferença de remuneração entre elas e as não graduadas (IS COLLEGE..., 2014). Tanquersley (2014) corrobora: nos últimos 35 anos, o diferencial salarial aos detentores de

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

diplomas de *high school* nos EUA cresceu US\$ 28 mil. Em especial, trabalhadores do sexo masculino, demoraram a retornar aos bancos escolares nos anos 1980 e 1990. Mas, a crise de 2007 foi um sinal bastante claro, e não deixou dúvidas sobre a importância do estudo.

A escola deve prover igualdade de oportunidades ao lado do sucesso escolar, pois uma “universalização” do ensino que não se traduza em possibilidades de todos os cidadãos desempenharem bons trabalhos não é conveniente à sociedade. As causas do sucesso escolar variam de pessoa pessoa: podem ser fatores físicos, mentais, genéticos, emocionais ou do contexto sócio-cultural. Tais situações problemas requerem soluções que efetivas (PINTO; TOMÉ, 2007).

Perguntada sobre um programa da África do Sul para incentivar a presença de negros na liderança empresarial, Ann Bernstein afirma que não se estimula o empreendedorismo. Os negros às vezes conseguem algo só por causa da cor da pele. Ela advoga uma sociedade construída com base na igualdade de oportunidades, cujo fim seja uma boa educação para todos (GIANINI, 2014).

Igualdade de oportunidades no tema racial norteamericano

Em 1965, apenas 4% dos negros dos EUA detinha diploma universitário, índice que passou a 38% em 2013. Em 1967 a Suprema Corte invalidou leis restritivas ao casamento interracial, quando havia pouquíssimas situações desse tipo. Na atualidade, 24% dos homens negros são casados com mulheres de outras raças. Porém, a proporção de negros aprisionados é seis vezes maior que a de brancos. No tema educacional, apesar de leis afirmativas, o sistema escolar

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

ainda é financiado localmente, e, assim, bairros “brancos” possuem melhores escolas. A desagregação familiar talvez seja o mais grave problema: 72% dos bebês negros nascem fora do casamento – índice equivalente a 29% entre os brancos. Um importante fato na história do país talvez tenha sido a eleição de Barack Obama em 2009 à Presidência do país, o primeiro negro a ocupar o cargo. Além disso, os presidentes da American Express, Merck e Xerox também eram dessa etnia, bem como os prefeitos de Washington, Denver e Filadélfia – cidades de maioria branca – mais o governador de Massachusetts (LORES, 2013).

Apesar do crescimento dos EUA e da diminuição das barreiras raciais a partir de 1963, as disparidades econômicas entre brancos e negros não se reduziram, por exemplo, os índices de pobreza dentre os negros são três vezes maiores que os encontrados entre os brancos. Entre 1947 e 1979, os salários de todos os níveis cresceram de forma semelhante. Mas, entre 1979 e 2007, a renda caiu fortemente, com os 5% dos maiores salários crescendo mais de três vezes que a média. Além disso, 63% do crescimento total da renda nesse período foi dirigido aos 10% mais ricos. O salário mínimo falhou em acompanhar a inflação: o nível de US\$ 1,15/h de 1963 valeria US\$ 8,80 em meados de 2013, quando a realidade era de US\$ 7,25. Houve pontos positivos ao longo desses cinquenta anos: o número de famílias negras com renda de ao menos US\$ 100 mil/ano quintuplicou. O percentual de negros com mais de 25 anos de idade formados no ensino médio (*high school*) mais que triplicou e os que apresentam alguma formação técnica (*college*) cresceu dez vezes. As disparidades continuam: de 1963 a 2012, o desemprego médio entre os negros foi de 11,6% - o dobro do encontrado entre os brancos. o percentual de negros em condições de pobreza caiu de 55,1% em 1959 para 32,2% em 1972 e

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

27,6% em 2011 – ano em que dentre os brancos essa taxa era de 9,8%. O maior abismo está na riqueza média familiar: de US\$ 285 mil nas famílias brancas e de US\$ 28.500 nas negras (FLETCHER, 2013b).

O elevado índice de encarceramento nos EUA

Um estudo junto a mais de mil delinquentes juvenis de Phoenix e Philadelphia, acompanhando-os desde a adolescência, concluiu que quanto maior a expectativa de vida que tinham, menores ofensas à lei foram praticadas. Alex Piquero, da University of Texas, em Dallas, atribui a conclusão ao fato de que os adolescentes com menor previsão de um futuro estável em seu redor possuem maior chance de não levar em conta os frutos de seus atos imediatos. O grupo foi pesquisado por volta do ano 2000, entre 14 e 18 anos, pesquisando-se experiências, crimes, vizinhança e expectativas. Sete anos depois, foram novamente avaliados. O grupo mais propenso a infringir a lei teve maior probabilidade de ser oriundo de locais com vendedores de drogas ou lixo nas redondezas – quadro que reforça o valor do contexto que cerca as pessoas que desconsideraram a lei. Além, disso, alguns dos que não seguiram a lei não tiveram opções de escolaridade ou de carreiras profissionais; assim, não é surpresa que tenham fracassado nos estudos, empregos, relações, cuidados sociais. De fato, morrer jovem não é uma avaliação irrealista a esse grupo: ao final do estudo, cerca de 45 dos pesquisados já haviam falecido (BADGER, 2014).

Nos EUA, a crise do emprego se iniciara em 2000, com a proporção dos residentes do país na idade de trabalhar atingindo um ápice, de 74,1%, e começando um declínio, devido a diversos fatores; esse índice chegou a 72%

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

em 2007, ainda antes da crise, e a 66% em 2011. A taxa de desemprego sabidamente não inclui aqueles que já desistiram de buscar emprego após algum tempo, ou que já não são mais elegíveis para os programas de auxílio desemprego – que não podem ser acusados de afastar as pessoas do mundo laboral, pois oferecem muito pouco às famílias. Houve queda nos salários, diminuindo a atratividade do mundo do trabalho a muitas pessoas. Um fator surpreendente soma-se a estes acima e pode ajudar a compor o quadro: de 1975 a 2009, a população carcerária dos EUA cresceu cinco vezes, e um ex-presidiário possui baixíssima probabilidade de ser contratado pelo mercado formal (WHORISKEY, 2012). Sachs (2012) corrobora essas ideias ao afirmar que os EUA permitem o sofrimento das crianças mais pobres – que vivem em bairros pobres, com escolas pobres. Os pais frequentemente estão desempregados, doentes, divorciados ou presos. Essas crianças estão em um contínuo ciclo de pobreza, apesar da riqueza da sociedade. Com demasiada frequência, as crianças que crescem na pobreza tornam-se adultos pobres.

O índice de aprisionamento dos EUA é dez vezes maior que o da Suécia. Os EUA são mais ricos, na média, do que a Suécia, mas a diferença de renda entre os mais ricos e os mais pobres nos EUA é amplamente maior do que na Suécia. E os EUA tratam seus pobres de forma punitiva, em vez de apoiá-los. O documentário "The House I Live In" mostra que a história dos EUA, em consequência de políticas desastrosas, é ainda mais triste e cruel do que essa. Há cerca de 40 anos os políticos americanos declararam uma "guerra às drogas", aparentemente para combater o uso de cocaína delas. Como o filme mostra, contudo, a guerra às drogas tornou-se uma guerra contra os pobres, especialmente os de grupos minoritários pobres. A guerra às drogas levou ao aprisionamento em massa da população jovem, masculina e pertencente a

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

minorias. Dos presos nos EUA, um número substancial é de quem vendeu drogas para sustentar seu próprio vício. O filme descreve a pobreza de uma geração sendo passada à seguinte. Pessoas pobres, frequentemente afro-americanas, não conseguem empregos ou voltam do serviço militar sem capacitação ou *networking*. Caem na pobreza e nas drogas. Em vez de receber assistência social e médica, são presos e transformados em criminosos; entram e saem do sistema prisional e têm poucas chances de um emprego legal para sair da pobreza. Suas crianças crescem sem o apoio de um pai em casa. As crianças de usuários de drogas muitas vezes também se transformam, elas próprias, em usuárias; acabam na cadeia ou sofrem violências ou mortes precoces (SACHS, 2012).

Os EUA somam a maior população carcerária do mundo. A China, com mais de quatro vezes a população norteamericana e com um judiciário nada leniente, possui menos detentos. Um em cada 107 norteamericanos adultos estava preso em 2011 – a maior taxa do mundo. Um negro nos EUA possui 3,6 vezes maior chance de ser preso do que na África do Sul em 1993, em pleno *apartheid*. Havia 2,31 milhões de presos nos EUA em 2008, número que caiu a 2,24 milhões em 2013; entre 1980 e 2008 o número de presos mais que triplicou. Em 2007, o Texas alocou US\$ 241 milhões para o tratamento de drogas e penas alternativas. Entre 2003 e 2011, os crimes violentos nesse Estado caíram 14,2%, e a população carcerária também (AN UNLIKELY..., 2013). Oliveira (1999) vê um problema econômico no excessivo encarceramento – no total de 1,6 milhão de pessoas quando de seus estudos, sendo dez vezes superior à da Alemanha e tendo crescido seis vezes em 25 anos. Além disso, o agente carcerário era o emprego com a quarta posição na lista de maior oferta dos EUA, apenas atrás de faxineiro, caixa e garçom.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

### Dados ligados à Economia e Desemprego nos EUA

Um terço dos novos postos de trabalho gerados nos EUA em 2011 foi obtido por um imigrante – embora os imigrantes representem apenas 15% da população do país. Essa economia criou 1,6 milhão de empregos em 2011, acima dos 940 mil criados em 2010. O índice de desemprego teve média de 8,9% em 2011, com melhora em relação aos 9,6% do ano anterior. Já o número de desempregados caiu para 12,8 milhões, o menor contingente em três anos (ESTRANGEIRO..., 2012).

Dos cerca de 20 milhões de norte americanos idosos, que vivem sozinhos ou com as esposas, cerca de 47% (cerca de 9 milhões de aposentados) não conseguem enfrentar as despesas básicas (HAMILTON, 2013b). Os níveis de pobreza nos EUA em 2011 superaram os da Grande Recessão pela primeira vez, segundo o Census Bureau. A renda média caiu 1,5% no ano, para US\$ 50.054 – o que representa uma queda de 8,1% em relação a 2007. A maior queda foi sentida nas classes médias e inferiores, com novas ofertas inferiores em remuneração à recebida anteriormente. A proporção de pessoas abaixo da linha da pobreza (US\$ 11.702 para uma pessoa sozinha ou US\$ 23.201 para uma família com quatro membros) cresceu desde 2006, chegando a 12,3% da população do país e a 16,9% da Califórnia. Os benefícios aos desempregados se mantiveram iguais em 2011 sobre 2010, em US\$ 36 bilhões. Ao início de 2013, o Estado de North Caroline decidiu reduzir o máximo de semanas que um desempregado poderia receber, de 26 para 20, tal como fizera o Estado de Michigan, ao mesmo tempo em que reduziu o benefício semanal máximo de US\$ 535 a US\$ 350. Desde os anos 1950, todos os Estados norteamericanos

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

pagavam 26 semanas de auxílio-desemprego, mas, com a crise iniciada em 2007, ao menos 35 Estados ficaram sem recursos para enfrentar essas despesas, passando a recorrer a auxílios federais – mediante dívidas. Outros Estados reduziram o valor do benefício, a Geórgia reduziu em 8 semanas o período desse auxílio (DON, 2012; FLETCHER, 2013a).

Milhões de pessoas perderam suas casas e a renda real caiu mais rápida e profundamente do que em qualquer tempo desde a Grande Recessão. Muitos desempregados jamais voltarão ao mercado de trabalho formal. Porém, os mais ricos, dentre os quais os financistas cujas manobras causaram a crise, estão bastante mais ricos. Em 2009, a renda média dos 5% mais ricos cresceu, enquanto que a renda média de todos os demais grupos caiu. Isto não é apenas uma anomalia, mas uma tendência de 40 anos de expansão no topo e estagnação na base. A participação da renda total que cabe aos 1% mais ricos do país cresceu de cerca de 8% nos 1960 para perto de 20% em 2011 (LIEBERMAN, 2012). Talvez um efeito benéfico da Grande Recessão tenha sido o aumento das residências formadas por membros de diversas gerações. Entre 2007 e 2009, o número desse tipo de lares subiu ao recorde de 51,4 milhões de pessoas, segundo o Pew Research Center (SINGLETERY, 2013).

O índice de desemprego nos EUA ao final de 2011 era de 8,6% (13,3 milhões de pessoas), segundo o Bureau of Labor Statistics. Outros 8,5 milhões se diziam subempregados ao não trabalhar “*full time*” e outros 2,6 milhões eram apenas marginalmente ligados ao mercado de trabalho. O total dessas três outras partes chegava a 24,4 milhões de pessoas (FOUR REASONS..., 2011).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Cerca de 41% dos norte-americanos vivem conforme o pagamento mensal, e 8% não possui o suficiente para necessidades básicas, conforme estudo da FTI Consulting, junto a mil pessoas com mais de 18 anos, divulgado em fevereiro/2013, encomendado pela seguradora Allstate (HAMILTON, 2013a).

Segundo estudo do *site* Zillow, focado em imóveis, de janeiro/2013, cerca de um terço dos norte-americanos não detinham nenhuma hipoteca. Além de pessoas que há muito tempo quitaram seus imóveis, há um surpreendente número de jovens nesse grupo. Os mais idosos são os que menos hipotecas apresentam: 77,6% do grupo com 85 anos de idade ou mais; seguido pelo grupo de 74 a 84 anos, com o índice de 62,7% (LAZO, 2013).

Em 2013, a Wal-Mart registrava menores vendas em suas lojas de itens discricionários, como eletrônicos e brinquedos. Ao mesmo tempo, redes como Kohl's e Macy's apresentavam quedas nas vendas – surpreendendo, por serem lojas focados na classe média alta. Estagnação salarial é uma fonte desses problemas, ao lado dos maiores preços da gasolina. Porém, as compras de itens de luxo cresceram (DOUGLAS, 2013).

Breves pinceladas de situações que podem ensejar políticas públicas visando melhorias sociais

Ao início de 2013, a produtora italiana de porcelanas Richard Ginori, criada em 1735 foi à falência, após anos de prejuízos. Outras marcas famosas do setor, como Wedgwood, Spode, e Rosenthal também não resistiram à concorrência chinesa. Segundo a Confindustria Ceramica, que representa 273 produtores

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

italianos, o país já importa da China 60% dos produtos ceramicos que consome (POVOLEDO, 2013).

Apesar do crescimento coreano, em 2012 moravam 2,2 mil pessoas em Guryong, uma favela de 58 mil m<sup>2</sup> na região mais rica de Seul, onde a cada ano novos prédios atendem à elite do país, havendo apartamentos de até US\$ 3 milhões. Quase nenhum barraco possui banheiro, poucos têm aquecimento – algo primordial onde a temperatura cai abaixo de zero no inverno – e há pouca urbanização. Os barracos são geminados e as vielas estreitas. Nos meses que antecederam os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, o governo fez uma “limpeza” estética para mostrar ao mundo como saíra da miséria em 30 anos. Quem era pobre e morava perto dos ginásios dos Jogos foi desalojado. Assim, nasceu Guryong: sem ter para onde ir, os desalojados invadiram o que era o cinturão verde de Seul. Em 2012 já estavam lá por 24 anos. A maior parte cata papelão em Seul para abastecer uma usina de reciclagem ao lado da favela. Outros atuam na construção civil ou fazem, simplesmente, bicos. A média salarial por família é estimada em US\$ 500 por mês, bem abaixo dos US\$ 2,5 mil médios de cada coreano (BOECHAT, 2012).

Situações de políticas públicas bem sucedidas

Um exemplo de política pública de sucesso em nosso país é a criação da Zona Franca de Manaus, em 1967. Em 43 anos, a região passou de uma universidade/faculdade a 43; ganhou 20 cursos de mestrado/doutorado quando não havia nenhum antes; da mesma forma, passou a ter oito centros de pesquisa contra nenhum antes de sua criação; os estabelecimentos de saúde passaram de 8 para 464; as indústrias saíram do zero para cerca de 600; e,

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

finalmente, o número de shopping centers em Manaus passou de zero a cinco nesses 43 anos (SOUZA; OLIVEIRA, 2010).

O Banco Postal também representa uma situação interessante. Segundo Minetto, Santos e Fonseca (2010), o grau de bancarização da população no Brasil era muito baixo em 1995, de 20% a 23%, contra os 76% da Holanda e os 74% dos EUA, por exemplo. Assim, o Banco Central criou o serviço do Correspondente Bancário, já no âmbito do Programa Nacional de Desburocratização de 1979 e alterado pela resolução 3.100/2003. Houve uma licitação em 2001, vencida pelo Bradesco, para a criação do Banco Postal, que em 2004 já movimentou mais de R\$ 1 bilhão em empréstimos, e ajudando os Correios a obterem um lucro de R\$ 400 milhões – o segundo maior de sua história. O Banco Postal abriu 5 milhões de contas de 2002 a 2006, tendo como custo mensal de manutenção de conta em 2006 o valor de R\$ 4,80 – bastante inferior ao cobrado pelos demais bancos.

Outra situação de política pública, desta vez em caráter regional: o Estado de Minas Gerais concentra 10,3% das empresas informais do país. A Prefeitura criou um programa denominado Gestão de Cidades – visando dar surgimento a uma nova região central. Novas leis foram criadas (Centro Vivo e Código de Posturas, em 2003/4) em relação ao uso do solo dessa região. Além disso, para acolher vendedores ambulantes ou camelôs (estimados em 2.572 em 2004) espalhados pela cidade e tidos como causadores de poluição ambiental, foi criado o Shopping Popular, um mercado fechado – iniciativa já adotada em várias outras cidades do país. Entre julho de 2003 e janeiro de 2004, 1977 ambulantes foram transferidos ao Shopping Oiapoque – dentro do Shopping

## Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Popular, cuja área total monta a 19 mil m<sup>2</sup>. Estima-se um fluxo diário de 15 mil pessoas no local, e o dobro disso aos finais de semana (CARRIERI *et al.*, 2011).

Sawaya *et al.* (2003) citam uma política pública de sucesso no combate à desnutrição ao evocar a situação da Tailândia, que reduziu a prevalência de crianças com baixo peso de 50% em 1982 para 10% em 1996, fruto de um programa que seguiu os seguintes passos: a) monitorização do crescimento de crianças pré-escolares diretamente na comunidade para receberem alimentação adicional; b) incorporação da educação nutricional nas políticas de saúde, nas escolas e agricultura, em âmbito nacional, estadual, municipal e comunitário; c) os custos foram reduzidos pelo retreinamento dos funcionários públicos e pelo uso de voluntários da comunidade; d) alocação de financiamento de modo seletivo para gerar o máximo impacto possível; e) voluntários para o acompanhamento de grupos de dez domicílios; f) programa de educação nutricional e de comunicação que encorajou o aleitamento materno e a introdução adequada de alimentos complementares e de medidas higiênicas; g) disseminação de informações sobre hábitos inadequados e tabus; h) criação da merenda escolar para cinco mil escolas de áreas carentes; e i) reforço da segurança alimentar nos lares e nas comunidades mediante a promoção de hortas, árvores frutíferas, piscicultura e prevenção de doenças infecciosas em aves domésticas.

## Conclusões

Um eventual dilema liberdade Vs. Estado Forte está mal focado. Não se defende uma liberdade a qualquer custo, nem um Estado Forte que atropеле direitos individuais básicos. Em nome da dignidade da pessoa humana, o artigo

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

procurou mostrar a importância de se fomentar a igualdade de oportunidades, mediante considerações econômicas, educacionais, empresariais e sociais – como, por exemplo, o problema do encarceramento.

Qualquer liberalismo sufoca a primeira parte, teoricamente em nome de favorecer a segunda, esperando “mãos invisíveis” criarem mecanismos que venham a beneficiar a todos. Assim, há todo o direito a que as empresas cresçam, gerem empregos, paguem bem a seus Presidentes, e que dentro da Lei abram subsidiárias em paraísos fiscais para se beneficiarem das vantagens que podem auferir. Porém, cabe aos Estados evitar situações de injustiça flagrante, como o pagamento recebido pelo Presidente da empresa superar o que a mesma paga em impostos federais, conforme Lazarus (2012, 2014) aponta.

Segundo Muller (2013) a desigualdade é fruto inevitável do capitalismo: basta imaginar as desiguais aptidões para a prática esportiva, que atraem milhões de espectadores, os melhores patrocinadores, e, por conseguinte, tornam milionários os melhores atletas. Parece que um clima de total liberalismo econômico não apresenta essa igualdade de oportunidades, conforme Sachs (2012), Harrison e Sepúlveda (2011) e O’Neill (2004). A afirmação de Muller (2013) de que poderiam surgir sérias revoltas que corroessem as bases do capitalismo, caso a desigualdade aumentasse, parece um pouco forte, mas reflete a preocupação de muitos com a manutenção ou com a eventual ampliação das desigualdades sociais.

Lazarus (2012) afirma que o sistema tributário dos EUA parece bastante injusto sob o aspecto distributivo, ao se constatar que 25 dos 100 mais pagos

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

Presidentes de empresas norte americanas receberam mais do que estas pagaram em tributos federais. Uma possível solução poderia vir de um sistema tributário mais simples, sem impedir elevados honorários para premiar bons desempenhos dos Presidentes, mas, sem que isso resulte em pagamentos provenientes dos cofres públicos. Finalmente, em relação ao tema dos honorários executivos, McGregor (2014) aponta em seu estudo que as melhores remunerações não estão necessariamente ligadas a melhores desempenhos.

Outro aspecto importante dos EUA é o aparente desaparecimento da igualdade de oportunidades – outrora importante ativo do país; os dados trazidos por Boron (2001) são inquietantes, incluindo uma fala do Presidente ao Congresso em 2002, e se referem à década anterior à Crise de 2007, ou seja, não seria difícil imaginar que a situação tenha se deteriorado. Tais dados parecem basear a questão: há possibilidade de se viver igualdade de oportunidades nesse clima?

Mesmo aos liberais mais feéricos, pareceria insana a atitude dos EUA de se deixar a GM à deriva. Ou seja, partiu-se da premissa de que seria inadmissível permitir a falência dessa grande empresa, que contribui à economia do país com milhares de empregos, realiza compras de bilhões de dólares em autopeças, e controla subsidiárias em dezenas de países. Houve um resgate, a sociedade pagou por isso, o Governo influenciou para que os ajustes da empresa fossem mais rápidos do ritmo que ditado por uma “mão invisível”. Não cabe a este artigo julgar se o custo foi elevado ou não, porém, apenas ressaltar que, mesmo a mais liberal e capitalista economia global realizou medidas de saneamento dignas de qualquer governo socialista ou que busca alguma “terceira via”. Uma nota negativa: o socorro à GM foi rápido e bilionário,

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

trazendo, igualmente bilionários prejuízos; porém, o país parece não ter se preocupado com a falência de Detroit. Segundo Fletcher (2014), após seis décadas de queda na população, essa cidade – berço das montadoras dos EUA – foi à concordata sob dívidas de US\$ 18 bilhões em julho/2013, no que foi a maior falência municipal na história dos EUA. A cidade inclusive ostenta vários trechos em ruínas. Ou seja: resgatou-se a montadora, porém, não a cidade que foi berço de toda a indústria automobilística do país.

Outra nota negativa que mostra a fraqueza de políticas públicas dos EUA é a habitação: dos 300 mil beneficiados com programas habitacionais há 58 mil ex-combatentes (LORES, 2014) – ou seja, pessoas que arriscaram a vida pelo país, passam a enfrentar inúmeros problemas psicológicos, muitas vezes por toda a vida, e ainda passam por apertos econômicos e a tradicional dificuldade de realocação à vida civil. Ao mesmo tempo, situações de extrema pobreza em países ricos são cada vez mais comuns, como a Coréia do Sul, que segundo Boechat (2012), apresentava uma favela em um dos bairros mais ricos de Seul, criada por deslocamentos de famílias devido às Olimpíadas de 1988. Nosso país, em agosto/2012 chegou à marca de um milhão de moradias construídas no âmbito do “Minha Casa, Minha Vida” (PERES, 2012). Há inúmeros problemas nesse programa habitacional, talvez o mais grave se refere ao fato de ter chegado de forma tardia em relação à favelização de inúmeras metrópoles, e ao fato de que as novas residências estejam longe de transporte público de qualidade – uma carência nacional. Porém, cabe destacar que um primeiro passo é necessário em qualquer programa social – ainda que seja necessário que venha a receber posteriores melhorias.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

A quebra de inúmeras fábricas italianas ante a concorrência chinesa (POVOLEDO, 2013) não é novidade: ocorreu e continua ocorrendo em inúmeros outros países, a começar pelos EUA – que já iniciou um amplo programa de reindustrialização, com apoio do varejo em geral e capitaneado pela Walmart. Ante o fenômeno da globalização, cabe perfeitamente aos governos a definição de políticas públicas que defendam empregos e negócios – dentro de parâmetros razoáveis, ou seja, sem trazerem malefícios aos consumidores finais, na forma de preços abusivos. Não se pode descartar o ingresso de inúmeros produtores no mercado mundial mediante benefícios injustos – considerando-se o quadro como um todo. Assim, a negativa da OTAN em adquirir o avião de treinamento brasileiro Tucano, em benefício de um concorrente, se enquadra nessa situação. Ou seja, seria absolutamente ingênua a atitude de se esgrimir a defesa da “globalização” a qualquer custo, sem levar em conta os interesses nacionais. Finalmente, a reversão de rumo já iniciada nos EUA não só pode como deve ser seguida por nosso país.

Além disso, ante a recente crise de 2007, diversos países do “Primeiro Mundo” concederam benefícios para a troca de carros antigos por novos, até sob a desculpa “ambiental”. O exemplo é apenas citado para que não se argumente que situações governamentais pró-ativas visando aquecer a economia são “exceções prejudiciais ao livre mercado”. Países que reclamaram de nosso “ativismo” se encontram entre os que tomaram medidas bem mais “ativas”.

A existência crescente de recursos apresentou bases para maior produção na sociedade, a preços cada vez mais baixos – o que é um ativo extremamente positivo, conforme Schiff & Schiff (2012) e Adams (1973); em outras palavras, o aumento da produtividade empresarial é uma ferramenta que permite maior

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

igualdade de oportunidades – uma ideia extremamente simples do pensamento econômico e empresarial, porém, que parece estar em franco desuso. Desse modo, no campo da atividade econômica, dentro de um clima de liberdade de empresa, é vital que sempre se leve em consideração: a) a criação de empregos; e b) o lançamento de novos produtos e serviços para satisfazer necessidades reais dos consumidores. Além disso, conforme Mankiw (2014), as poupanças familiares destinadas às gerações seguintes na forma de heranças representam importantes fontes de investimentos de longo prazo, com efeitos benéficos na renda e nos salários.

Porém, cabe sempre ao Estado manter uma razoável regulação sobre o que se acostumou a chamar “capital” – termo extremamente abrangente, e que, inclusive inclui inúmeras ofertas realizadas por instâncias governamentais, por exemplo, bancos estatais. Tal regulação nada mais é do que a necessidade de se apresentarem condições de proteção aos menos favorecidos – ideia já consolidada na literatura. Porém, aqui se pretende mostrar um passo adiante: além dessa finalidade, cabe ao Estado prover igualdade de oportunidades.

Os argumentos de Ann Bernstein (GIANINI, 2014) não são completamente defensáveis. Em outras palavras, o conceito de “ação afirmativa” parte do pressuposto de que a “mão invisível” não pode por si só corrigir séculos de desigualdades e maus tratos. Bernstein parece muito primária ao afirmar que há quem consiga algo “apenas com base na cor da pele”. Ora, e durante os duros anos do *apartheid*, com qual base os líderes realizavam suas ações excludentes e discriminatórias? Cabe uma discussão mais ampla a esse tema, por haver quem julgue “injusta” a concessão de benefícios às camadas da população que por si só não estão conseguindo obter uma razoável dose de

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

inclusão social, cabendo, sim, ao Estado, seu papel de regulador para propiciar o advento de situações de justiça social mais efetiva.

As situações de políticas públicas bem-sucedidas são diversas e interessantes. Por exemplo, o Banco Postal utiliza a capilaridade das agências de Correios para a distribuição de serviços bancários, dado que há, ainda, milhões de pessoas no país que não utilizam tais serviços.

#### Referências

ADAMS, Walter. *The Structure of American Industry*. New York: Macmillan Publishing, 1973.

AMADEO, Javier. Teoria política: um balanço provisório. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 17-34, jun. 2011.

AN UNLIKELY alliance of left and right. *The Economist Online*, 17 ago. 2013.

AS CONTRADIÇÕES de um império. *Portal Exame*, 02 abr. 2009. Acesso em 12 jun. 2014.

BADGER, Emily. Teens who expect to die young are more likely to commit crime. *The Washington Post Online*, 17 abr. 2014.

BEYOND bootstraps. *The Economist Online*, 29 jun. 2013.

BOECHAT, Yan. Entre os arranha-céus de Seul, uma favela não deixa a Coreia esquecer o passado. *Portal iG*, 05 jun. 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a Entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Florianópolis: *Em Tese, Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1, jan.-jul/2005, p. 68-80.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

BORON, Atilio A. A coruja de Minerva – mercado contra democracia no capitalismo contemporâneo. Petropolis: Vozes, 2001, 2ª edição.

BOWERS, Simon. Blockbuster paid £250,000 in tax. The Guardian Online, 21 jan. 2013.

CAPPELLI, Peter. Our irrational, harmful bias against the unemployed. The Washington Post Online, 02 mai. 2014.

CARRIERI A. P.; MURTA, I. B. D.; MARANHÃO, C. M. S. A.; MENDONÇA, M. C. N. Cleaning up the city: a study on the removal of street vendors from downtown Belo Horizonte, Brazil. Canadian Journal of Administrative Sciences, v. 28, n. 2, 2011, p. 217-225.

DON, Lee. U.S. income gap between rich, poor hits new high. Los Angeles Times Online, 12 set. 2012.

DOUGLAS, Danielle. Retail sales tell a tale of two shoppers. Washington Post Online, 15 ago. 2013.

DOWBOR, Ladislau. Navegando na crise: o potencial de mudanças. In: Crise Financeira Mundial – Impactos Sociais e no Mercado de Trabalho. (BISPO, Carlos Roberto; MUSSE, Juliano Sander; VAZ, Flávio Tonelli; MARTINS, Floriano José, Orgs.). Brasília: Fundação ANFIP, 2009, p. 131-143.

EDDY, Melissa. Swiss Voters Defeat \$24.65 Minimum Wage by a Wide Margin. The New York Times Online, 18 mai. 2014.

ESTRANGEIRO obtém um terço das novas vagas dos EUA em 2011. Folha Online, 15 fev. 2012.

FERES JÚNIOR, João; CAMPOS, Luiz Augusto. Liberalismo igualitário e ação afirmativa: da teoria moral à política pública. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 21, n. 48, p. 85-99, dez. 2013.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

FERGUSON, Niall. The end of the american dream? Newsweek, 8 & 15 jul. 2013, p. 44-49.

FLETCHER, Michael A. North Carolina's jobless face a double whammy of aid reductions. The Washington Post Online, 14 fev. 2013a.

FLETCHER, Michael A. Fifty years after March on Washington, economic gap between blacks, whites persists. Washington Post Online, 27 ago. 2013b.

FLETCHER, Michael A. Gov. Rick Snyder could be the country's most unusual Republican. Can he save Detroit? Washington Post Online, 13 jun. 2014.

FLETCHER, Michael A.; CRAIGHILL, Peyton M. Majority of Americans want minimum wage to be increased, poll finds. The Washington Post Online, 18 dez. 2013.

FOUR REASONS For The Jobs Crisis. Forbes Online, 12 dez. 2011.

FRANCO, Gustavo H. B. O Desafio Brasileiro. São Paulo: Editora 34, 1999.

FRANKEL, Jeffrey. Rising inequality? Don't blame the rich. The Guardian Online, 22 abr. 2014.

GIANINI, Tatiana. "Não dá para ter vergonha do lucro", diz Ann Bernstein. Portal Exame, 04 mai. 2011. Acesso em 12 jun. 2014.

GOODLEY, Simon; BOWERS, Simon; ROGERS, Simon. UK urged to reform tax rules over profit moving by global firms. The Guardian Online, 16 out. 2012.

HAIR JUNIOR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAMILTON, Walter. Four in 10 Americans are living paycheck to paycheck, study says. Los Angeles Times Online, 12 fev. 2013a.

HAMILTON, Walter. Millions of retirees can't afford basic living expenses. Los Angeles Times Online, 01 mar. 2013b.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

HARRISON, Ann; SEPÚLVEDA, Claudia. Learning from Developing Country Experience: Growth and Economic Thought before and after the 2008–2009 Crisis. *Comparative Economic Studies*, 2011, V. 53, p. 431-453.

HILTZIK, Michael. Debate over minimum wage reignites decades-old arguments. *Los Angeles Times Online*, 28 jun. 2013.

IS COLLEGE Worth It? Clearly, New Data Say. *The New York Times Online*, Coluna The UpShot, 27 mai. 2014.

KENWORTHY, Lane. It's Hard to Make It in America. *Foreign Affairs Online*, nov.-dez./2012.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Por que se Importar com a Desigualdade. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 45, nº 4, 2002, p. 649-675.

KEYNES, J. M. *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*. São Paulo: Atlas, 1982.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

LAVINAS, Lena. Crise: Ocasão para ajustes progressivos e inclusivos. In: *Crise Financeira Mundial – Impactos Sociais e no Mercado de Trabalho*. (BISPO, Carlos Roberto; MUSSE, Juliano Sander; VAZ, Flávio Tonelli; MARTINS, Floriano José, Orgs.). Brasília: Fundação ANFIP, 2009, p. 187-196.

LAZARUS, David. When firms pay CEOs more than Uncle Sam, the tax system is broken. *Los Angeles Times Online*, 28 ago. 2012.

LAZARUS, David. Executive pay is an insult to working families. *Los Angeles Times Online*, 26 mai. 2014.

LAZO, Alejandro. Nearly one-third of U.S. homeowners have no mortgage. *The Los Angeles Times Online*, 10 jan. 2013.

LIEBERMAN, Robert C. Why the Rich Are Getting Richer. *Foreign Affairs*, jan./fev. 2011.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

LIFSHER, Marc. 222,000 Californians facing loss of jobless benefits. Los Angeles Times Online, 24 dez. 2013.

LORES, Raul Juste. 50 anos após marcha de King, igualdade nos EUA continua distante. Folha de São Paulo, Cad. Mundo, p. A22, 25 ago. 2013.

LORES, Raul Juste. Minha casa, minha vida – como os EUA tratam os seus sem-teto. Folha de São Paulo, Cad. Ilustríssima, p. 3, 30 mar. 2014.

MCGREGOR, Jena. Studying the greedy CEO. Washington Post Online, 17 jun. 2014.

MANKIOW, N. Gregory. How Inherited Wealth Helps the Economy. The New York Times Online, 21 jun. 2014.

MATTAR, F. N. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Atlas, 2005.

MATTEWS, Dylan. Americans think John F. Kennedy was one of our greatest presidents. He wasn't. Washington Post Online, 22 nov. 2013.

MATTEWS, Dylan. Everything you need to know about the war on poverty. Washington Post Online, 08 jan. 2014.

MEICHTRY, Stacy. França tenta novamente subsidiar empregos para os jovens. Wall Street Journal Brasil Online, 23 dez. 2013.

MINETTO, E. W.; SANTOS, C. V.; FONSECA, M. W. Banco Postal: um estudo de caso da agência central dos Correios de Cascavel. Cascavel: Ciências Sociais em Perspectiva, v. 9, n. 16, 1º semestre/2010, p. 145-163.

MOREIRA, Assis. Ajustando contas. Valor Online, 28 set. 2012.

MUI, Ylan Q. Benefits to end Saturday for long-term jobless. Washington Post Online, 25 dez. 2013.

MULLER, Jerry Z. Capitalism and Inequality - What the Right and the Left Get Wrong. Foreign Affairs Online, mar.-abr./2013.

NEATE, Rupert. Facebook paid £2.9m tax on £840m profits made outside US, figures show. The Guardian Online, 23 dez. 2012.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

O'NEILL, Tim. Globalization: Fads, Fictions and Facts. *Business Economics*, Jan. 2004, v. 39, n. 1, p. 16-27.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Sociologia das Organizações*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

PERES, Bruno. 'Minha Casa' atingirá milhões de moradias até 2014, prevê Dilma. *Valor Online*, 27 ago. 2012.

PERKINS, D. *A época de Roosevelt: 1932-1945*. Edições O Cruzeiro, 1967.

PILAGALLO, Oscar. Uma ideia vencedora, sem vez para os críticos. *Valor Online*, 11 set. 2012.

PINTO, Sussana; TOMÉ, Francisco. Teorias explicativas do insucesso educativo e estratégias de intervenção – uma análise empírica. Portugal: Instituto Politécnico da Guarda: *Egitania Scientia*, (1), nov. 2007, p. 99-110.

POBREZA NOS EUA atinge novo recorde. *O Estado de São Paulo*, Cad. Economia, p. B9, 18 set. 2013.

POVOLEDO, Elisabetta. In Italy, a Factory Too Fragile for Its Time. *The New York Times Online*, 07 fev. 2013.

REDE DE restaurantes Red Lobster é vendida por US\$ 2,1 bilhões. *Valor Online*, 16 mai. 2014.

RÉVILLION, A. S. P. A Utilização de Pesquisas Exploratórias na Área de Marketing. *ENAMPAD*, 2001, 25. Campinas: CD-ROM, Anais Eletrônicos.

RIBEIRO, Rosa. Notas sobre famílias e desigualdade social na Região Metropolitana do Rio de Janeiro – 1991. *Cadernos MetrÓpole* n. 2, p. 41-72.

PORTER, Eduardo. For Schools, Long Road to a Level Playing Field. *The New York Times Online*, 20 mai. 2014.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 172-221.

SACHS, Jeffrey D. As gerações perdidas. Valor Online, 30 out. 2012.

SAWAYA, A. L.; SOLYMOS, G. M. B.; FLORÊNCIO, T. M. M. T.; MARTINS, P. A.

Os dois Brasis: quem são, onde estão e como vivem os pobres brasileiros. São Paulo: Revista Estudos Avançados, v. 17 (48), 2003, p. 21-45.

SCHIFF, Peter D.; SCHIFF, Andrew J. Como a Economia cresce e por que ela quebra. Rio de Janeiro: Alta Books, 2012.

SCHWARTZ, Nelson D. The Middle Class Is Steadily Eroding. Just Ask the Business World. The New York Times Online, 02 fev. 2014.

SINGLETARY, Michelle. Living with family when the money runs out. Washington Post Online, 31 mai. 2013.

SOUZA, Ana Maria Oliveira de; OLIVEIRA, Elane Conceição de. Incentivos Fiscais e desenvolvimento regional. Revista da Sudam, v. 1, n. 1, dez. 2010, p. 16-19.

STARBUCKS agrees to pay more corporation tax. BBC Online, 06 dez. 2012.

STIGLITZ, Joseph. O que eu aprendi com a crise mundial. Revista de Economia Política, vol. 20, nº 3 (79), julho-setembro/2000.

STIGLITZ, J. Os mercados não podem governar a si mesmos. Época Negócios, v. 2, n. 25, mar. 2009, p. 68-70.

SWISS vote no to capping bosses' pay at 12 times lowest paid. BBC Online, 24 nov. 2013.

TANKERSLEY, Jim. Born poor? You want to live where the middle class is. Washington Post Online, 04 set. 2013.

TANKERSLEY, Jim. The '1 Percent' isn't America's biggest source of inequality. College is. Washington Post Online, 22 mai. 2014.

THE NANNY state. The Economist Online, 17 ago. 2013.

WHORISKEY, Peter. Origins of job market troubles hard to pinpoint. The Washington Post Online, 16 nov. 2012.